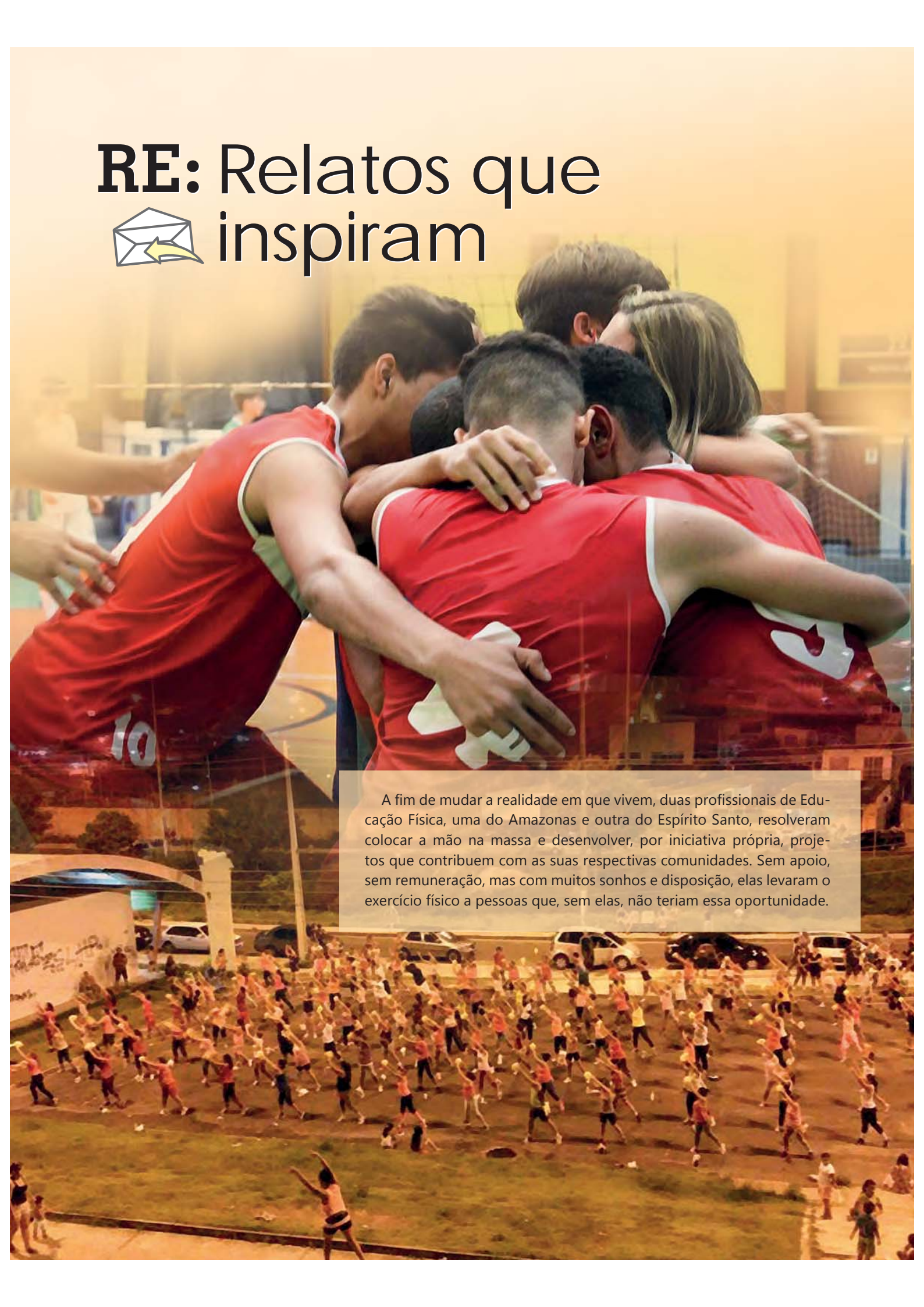


RE: Relatos que inspiram

A fim de mudar a realidade em que vivem, duas profissionais de Educação Física, uma do Amazonas e outra do Espírito Santo, resolveram colocar a mão na massa e desenvolver, por iniciativa própria, projetos que contribuem com as suas respectivas comunidades. Sem apoio, sem remuneração, mas com muitos sonhos e disposição, elas levaram o exercício físico a pessoas que, sem elas, não teriam essa oportunidade.



PROJETO COMUNITÁRIO MUDA REALIDADE DE MORADORES

A prática de exercícios físicos não fazia parte da rotina dos moradores da periferia de Cachoeirinha, na Zona Sul de Manaus (AM). A falta de local adequado para a atividade somada à ausência de orientação profissional contribuía para o sedentarismo dos moradores do bairro. Foi então que com um ideal em mente e muita disposição, a Profissional de Educação Física Michele Souza [003707-G/AM] desenvolveu, em 2014, o projeto Ginástica Aeróbia da Cachoeirinha.

“Lembro que os moradores dividiam o espaço com os carros em sua caminhada ou corrida. No último período da faculdade, foi despertando em mim essa vontade de ajudar o próximo, em contribuir para a melhora de vida daquelas pessoas. Afinal, são moradores da minha comunidade, vizinhos e vizinhas que, em sua maioria, não têm dinheiro para investir em academia ou profissional. Por que não oportunizar a eles os benefícios da atividade física?”, indaga Michele.



As aulas reúnem, por noite, aproximadamente 500 pessoas

Com o propósito definido, o passo seguinte foi transformar o estacionamento ocioso de um mini shopping, tomado por lixo, e que servia de criadouro para o mosquito da dengue, em seu espaço de aula. “Peguei uma caixa de som pequena à bateria, coloquei no gramado e fui para o meio da rua chamar os comunitários que caminhavam no entorno do estacionamento para participarem de uma aula gratuita de ginástica aeróbia. Foi quando tudo iniciou”.

No boca a boca, Michele foi convidando os comunitários que passavam pelo local. No primeiro dia de aula apareceram quatro pessoas: sua tia, o primo de três anos e mais dois comunitários. Aos poucos os alunos foram convidando outros e, quando ela percebeu, o estacionamento estava lotado. Atualmente, comparecem às aulas em média 500 pessoas por noite, mas em dias de programação especial há picos de participação, como no Dia dos Namorados, em que Michele chegou a receber 700 alunos. Os beneficiários são comunitários e pessoas de bairros adjacentes e até mais longínquos como os da zona leste da cidade de Manaus.

Além da melhora na qualidade de vida da população, o projeto – que é totalmente gratuito – também contribuiu para a ressignificação do espaço e preservação do ambiente. “Dei uma pequena contribuição para

“Lembro que os moradores dividiam o espaço com os carros em sua caminhada ou corrida. No último período da faculdade, foi despertando em mim essa vontade de ajudar o próximo, em contribuir para a melhora de vida daquelas pessoas”

um vizinho que tinha uma roçadeira para podar o mato, e para outro recolher o que conseguisse de lixo. Fui trabalhando a educação ambiental aos poucos com os comunitários. À medida que surgiam novos alunos, precisávamos de mais espaço. O que fez com que nós, os frequentadores, o preservássemos”.

E assim, a garrafa que iria parar na beira do rio próximo ao estacionamento virava material de treino para aulas. Michele conta que, sempre que possível, promove campanhas de educação ambiental para sensibilizar os moradores a respeito do descarte correto do lixo.

A contribuição do projeto para os moradores é evidente, mas os sonhos da profissional vão além. “Que o projeto possa contribuir cada vez mais na promoção da saúde dos comunitários, que eles possam sentir a mudança em suas vidas, tornando-se pessoas alegres, sorridentes, com a autoestima elevadíssima, sorrindo em tempos de chuva e sol. No caso daqui, mais sol. Que eles possam usufruir de todos os benefícios que a atividade física proporciona”.

Apesar das dificuldades, a profissional é grata pela oportunidade de desenvolver o projeto e aos alunos, que mesmo cansados, após um dia difícil de trabalho, reservam algumas horas da noite para fazer as aulas. “Nós, enquanto Profissionais de Educação Física, temos uma responsabilidade muito grande nas mãos, que é a de promover uma educação libertadora, contribuindo para a formação de seres humanos críticos, reflexivos, que possam a partir daí fazer da sociedade mais humana e digna”, defende.

Por se tratar de uma iniciativa comunitária, há a expectativa de que um dia o projeto possa ser contemplado com uma parceria a fim de adquirir equipamentos e promover melhorias nas aulas. “Confesso que é uma luta árdua. Às vezes dá vontade de desistir, como já pensei inúmeras vezes. Mas no fim da noite, quando recebo vários abraços e agradecimentos de pessoas que relatam que essa singela aula vem transformando suas vidas de alguma maneira, me revigoro a voltar ali na noite seguinte”, relata Michele, cheia de esperança. “Também acredito que existam pessoas que pensem no próximo e tenham essa vontade de contribuir com o outro. De alguma maneira ainda não fomos percebidos por elas, mas tenho fé que um dia seremos. Assim, poderemos juntos amparar quem precisa”.

QUANDO O ESPORTE PREPARA JOVENS PARA VIDA

A trajetória de Kelley Bonicenha [CREF 000971-G/ES] como Treinadora de Vôlei foi iniciada em 2005 com o objetivo de preencher o tempo ocioso dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jose Modeneze, em Linhares (ES). O bairro onde a escola está localizada não possuía quadra, praça, ou qualquer espaço para o lazer. As crianças e jovens não tinham a oportunidade de praticar uma atividade física direcionada.

Pensando nisso, a professora deu início ao projeto Centro de Treinamento de Voleibol Kelley Bonicenha, abrindo as portas para a comunidade escolar, de 12 a 17 anos.

Os treinamentos funcionavam após as aulas e nos fins de semana, no pátio da escola, com chão de terra batida. A professora conta que o vento e o sol atrapalhavam um pouco, mas a força dos alunos lhe dava coragem para continuar o trabalho voluntário.

Em pouco tempo, a turma participou dos Jogos Escolares do município e de primeira foram campeões nas categorias feminino e masculino. “Fomos



“Nós, enquanto Profissionais de Educação Física, temos uma responsabilidade muito grande nas mãos, que é a de promover uma educação libertadora, contribuindo para a formação de seres humanos críticos, reflexivos, que possam a partir daí fazer da sociedade mais humana e digna”





passando de fase, conquistando mais vitórias e, logo no primeiro ano de projeto, chegamos à grande final estadual. Estávamos entre os melhores do Espírito Santo”, relembra Kelley.

Aqueles meninos que antes não tinham oportunidade de sair do bairro, agora podiam conhecer outras cidades e mostrar o seu Voleibol. E as conquistas foram cada vez maiores: o grupo treinado por Kelley chegou a todas as finais estaduais desde a sua criação. Em 11 anos de projeto, foram conquistados dois títulos de Campeão Brasileiro Escolar, sete estaduais e quatro vices estaduais.

Vários ex-atletas do projeto representaram e ainda representam a seleção capixaba, tendo um deles chegado à brasileira. Há ainda aqueles que vivem profissionalmente o esporte pelo Brasil e até no continente asiático.



“Conquistamos o carinho, a confiança e o respeito não somente do pessoal do bairro, mas do nosso Município e Estado. Hoje posso afirmar que 99% dos meninos e meninas que passaram pelo projeto tiveram suas vidas transformadas”

O projeto, no entanto, não prepara os meninos apenas para o Voleibol, mas para a vida. “Mesmo aqueles que não conseguiram seguir carreira no Voleibol, seja pela baixa estatura ou porque tiveram que assumir responsabilidades em casa. Fico feliz porque por meio desse trabalho, que continua sendo voluntário, muitos jovens foram salvos das drogas, e levarão os ensinamentos das quadras para o resto da vida”, conta Kelley.

Atualmente, o projeto conta com o patrocínio de uma escola de inglês, que ajuda com uniformes e demais necessidades, e com a Secretaria de Esportes do Município. “Conquistamos o carinho, a confiança e o respeito não somente do pessoal do bairro, mas do nosso Município e Estado. Hoje posso afirmar que 99% dos meninos e meninas que passaram pelo projeto tiveram suas vidas transformadas”, celebra a professora.

Para ela, a recompensa do trabalho vem do sorriso da criança que, ao receber uma medalha, a exhibe orgulhosa no peito. “Acredito que as dificuldades que encontramos pelo caminho nos motivaram a buscar sempre o nosso melhor, a dar sempre o sangue dentro de quadra. O comprometimento com os treinos e a união do grupo sempre foram nossas marcas desde o início. Somos, de fato, uma família”.

